

HISTORIA DO BONÉ EM APUCARANA

Em 1982 voltando de São Paulo, onde estudou e trabalhou, o publicitário JOEL BRIZOLA foi convidado pelo Sr. JAIME DIONISIO RAMOS , então proprietário da Cotton's bonés, para fazer parte da sua equipe na área de criação e artes. Como havia trabalhado em agências de propagandas na capital paulista como desenhista, foi contratado para desenhar cartões postais que na época ilustrava os bonés de lembranças; souvenirs que eram vendidos em todo o Brasil no sistema de pronta-entrega e por atacado. Passado algum tempo, para facilitar o trabalho e reduzir custos, o Sr., Joel Brizola fez uso da sua experiência e implantou na Cotton's o primeiro laboratório de fotolitos em uma fábrica de bonés em Apucarana. Esta modalidade de serviço na época era terceirizado junto a empresa jornalista Tribuna da Cidade. Trabalhavam na Cotton's, no setor de artes, além do Joel Brizola também os Srs. Antonio Macedo, conhecido por Tony , José Maria Menegazzo e Marcos Garcia. As abas dos bonés eram de papelão.

Em 1982, passando por dificuldades administrativas e financeiras, o Sr. Jaime Dionisio Ramos convidou para sócio da empresa o Sr. Luís Takashi Mano, que chegou na empresa com investimentos e uma nova mentalidade para gerir os negócios. O Sr. Mano, com sua filosofia oriental, acreditava que o mercado de bonés era um grande filão e seria muito mais rentável se a empresa deixasse de atuar no mercado de atacado e passasse a operar no seguimento promocional. Atuando como engenheiro agrônomo, mantinha contado com empresas multinacionais nos ramos de herbicidas, defensivos agrícolas, sementes, adubos,

etc. Tais relacionamentos, com certeza representaria um bom começo para explorar novos nichos de mercado.

Porém por incompatibilidade administrativa a sociedade entre os Srs. Jaime e Mano resultou em não tendo obtido o êxito desejado e foi desfeita mesmo antes de completar seis meses. Desta forma e em comum acordo, resolveram dividir a empresa. O Sr. Mano abriria uma nova empresa, que passaria a atuar no mercado promocional e o Sr., Jaime prosseguiria com a Cotton's no mercado de souvenirs e atacado. Como o Sr. Mano não tinha experiência na confecção de bonés, foi lhe dado a título de compensação, uma vez que a sociedade não havia dado certo, o direito de escolher os funcionários que quisesse. Dentre todos os colaboradores da Cotton's, o Sr. Mano convidou o Sr. Joel Brizola para fazer parte do novo projeto, mediante uma pequena participação societária. O Sr. Joel Brizola aceitou de pronto o desafio e junto com o Sr. Aldivino Marques da Cruz, o VAL, escolheram mais treze colaboradores, dentre os cem que a Cotton's possuía. Na nova empresa seriam responsáveis pelos setores de serigrafia/artes e produção respectivamente.

Desta forma nascia a primeira fábrica de bonés promocionais de Apucarana. A nova empresa começou a operar em março de 1983 com o nome de Sementec Promoção – atual Showa bonés aproveitando assim o nome da já tradicional Sementec Agrícola, que já desfrutava de prestígio junto ao mercado de insumos agrícolas e certamente facilitaria a obtenção de créditos bancários e possibilitaria a abertura de portas para futuros negócios no ramo. Nesta mesma época se desligava também da

Cotton's o seu gerente de produção, José Fortuna – Zezão – que, junto com o irmão Evandro criaram a empresa Bonés Tchan, que também passaria a atuar no mercado de atacado. A Sementec, por sua vez, como não tinha conseguido mercado, não conseguia trabalho e enquanto corria atrás de matérias-primas, acessórios, aviamentos básicos como carneiras, viés internos, abas e reguladores, para não ficar ociosa, terceirizava para a Cotton's. Ao mesmo tempo desenvolvia as suas primeiras modelagens dubladas como espumas, nos modelos americano e japonês, entre outros. Para conseguir bons moldes inicialmente, a Sementec usou do artifício de desmontar bonés das principais empresas da época, então sediadas em São Paulo, a Torino e a Guarany.

Depois de seis meses de investimentos, testes com moldes, densidades da espuma, a Sementec tinha um bom produto para colocar em produção. Recorreu então novamente a Cotton's pleiteando mais um funcionário, no caso o Sr. Amauri dos Santos Neves, que havia sido negado no primeiro momento. Passado esse período de aprendizado e experiências, os produtos tiveram uma boa aceitação no mercado e os negócios começaram a caminhar para o crescimento, inicialmente previsto, atingindo níveis surpreendentes. Nesta época as dublagens eram feitas todas em São Paulo – na Dublalto ou Colatex – e essa logística de enviar e receber os tecidos assim manufaturados demorava até 15 dias úteis, ocasionando desta forma atrasos nas entregas dos pedidos. Concluiu-se então pela necessidade de se ter a própria dublagem local para atender a demanda. A primeira máquina dubladora, do tipo manual, foi adquirida pela Sementec em São Paulo, junto a Dublaldo, pois a empresa de dublagem estava em

processo de modernização. Com a dubladora em funcionamento o trabalho ficou facilitado e não demorou para os negócios atingirem as metas desejadas. O sucesso da Sementec foi rapidamente copiado pela Cotton's, que passou a atuar também no ramo promocional. Nessa época iniciou-se o segmento de bonés em Apucarana. Inicialmente com a Cotton's, depois a Tchan e em seguida a Sementec. Passados alguns anos e, como a empresa obteve repentino êxito, alguns funcionários da Sementec pediram desligamento e foram abrir seus próprios negócios. Nascia então a USA bonés, que depois se dividiria em outras, entre elas a Arlo e a Keeps e mais tarde a Kicker. Nesta mesma época e no ramo promocional, surgiram a Jalai e a Mano Artes e na sequência diversas empresas foram criadas, principalmente com parcerias com ex-bancários. A Bonelli foi a precursora e depois surgiram a Milano, Kyodai, Rytos, Boneleska, SCL, Kriswill, entre outras.

Na década de 90 surgiu Taicry, indústria de máquinas para o seguimento de bonés. Iniciou fabricando pequenas encapadeiras de botões e prestando assistência técnica para o setor, mas tarde fabricou também dubladoras e passadoras de bonés. Esses tipos de máquinas foram adquiridas em São Paulo e depois importadas da China. Chegaram inicialmente na Cotton's e depois na Showa e que aos poucos foram sendo copiadas e adaptadas para atender as indústrias locais.

Em 1.993, com o advento das bordadeiras eletrônicas, o mercado passou por uma radical mudança, quando o boné deixou de ser dublado com espuma de polietano e passava a

ser sem espuma e apenas com a frontal dublada com entretela de algodão, como o tradicional modelo americano, usado até hoje no mundo inteiro. Com essa mudança, os fabricantes, agora em número bem maior, passaram a buscar novas tecnologias para atender as novas exigências do mercado. Para isso, muitos foram até a China para buscar conhecimentos e outros preferiram trazer os produtos chineses até nós. A partir disso o sistema chinês de produção foi incorporado pelas indústrias locais. A forma de produção espalhou pela cidade, na medida em que aumentavam o número de pequenas empresas e de muitas facções. Surgiram então locas especializadas em equipamentos para o boné, peças de reposição, máquinas de costura, atacados de tecidos e aviamentos. No transcorrer do desenvolvimento do boné, também a indústria local – Paranatex – foi aperfeiçoando o seu tecido e destinando exclusivamente à confecção do boné.

BONÉ COMO TUDO COMEÇOU

Em 1980 voltando de São Paulo onde trabalhou e estudou, o publicitário Joel Brizola foi convidado pelo Sr. Jaime Ramos proprietário da Cotton's bonés, a fazer parte da sua equipe de criação e artes; como tinha trabalhado em agências de propagandas na capital paulista como desenhista, foi contratado para desenhar cartões postais, que na época ilustrava os bonés de lembranças, souvenirs que eram vendidos em todo Brasil no sistema de pronta-entrega e atacado. Depois de algum tempo, para facilitar o trabalho e reduzir custos, Brizola fez uso da sua experiência na capital paulista, e implantou na Cotton's o primeiro laboratório de fotolitos em uma fábrica de bonés de Apucarana. Este trabalho na época era terceirizado pela Empresa Jornalística Tribuna da Cidade.

Na Cotton's trabalharam no setor de artes Antonio Macedo (TONY in memorium) José Maria Menegazzo, Marcos Garcia além do Brizola.

Em 1982 passando por dificuldades administrativas e financeiras, o Sr. Jaime convidou para sócio da empresa o engenheiro agrônomo o Sr. Luis Takashi Mano, que chegou na empresa com investimentos e uma nova mentalidade de gerir negócios. Mano com sua filosofia oriental, acreditava que o mercado de bonés era um grande filão, e seria muito mais rentável se a atuação da empresa passasse do atacado para o seguimento promocional, mesmo porque, ele já tinha alguns contatos na área em que atuava como agrônomo; empresas multinacionais do ramo de herbicidas, defensivos agrícolas, sementes, adubos entre outras. Este relacionamento com certeza, representaria um bom começo neste novo nicho do mercado; Porém por incompatibilidade administrativa a sociedade entre Ramos e Mano acabou não tendo êxito e foi desfeita mesmo antes de completar seis meses, desta forma e em comum acordo resolveram dividir a empresa: Mano abriria uma nova indústria que atuaria no mercado promocional e Ramos prosseguiria com a Cotton's no mercado de souvenirs e atacados. Como o Sr. Mano não tinha experiência na confecção de bonés, foi-lhe dado o título de compensação, uma vez que a sociedade não deu certo, o direito de escolher os funcionários que bem quisesse, entre todos os colaboradores da empresa, então Mano recorreu ao Sr. Joel Brizola e convidou para fazer parte deste novo projeto mediante a uma pequena participação societária; Brizola aceitou prontamente o desafio e junto com o amigo Aldivino Marque da Cruz (o VAL) escolheu entre mais de cem funcionários apenas treze, incluindo ambos, que seriam responsáveis pelos setores de serigrafia, artes e produção respectivamente. Desta forma nascia a primeira fábrica de bonés promocionais de Apucarana. A nova empresa começou a operar em março de 1983 com o nome de Sementec Promoções (Atual Showa Bonés) aproveitando assim, o nome da já tradicional Sementec Agrícola que já gozava de bom prestígio no mercado de insumos agrícolas e certamente facilitaria com créditos junto aos bancos e abriria portas para futuros negócios. Concluindo os fatos, neste intervalo de tempo se desligava da Cotton's o seu gerente de produção o Sr. José Fortuna (Zézão) que junto com o irmão Evandro começavam a empresa BonésTchan!, mas que também como a Cotton's atuariam no mercado de atacados. A Sementec por sua vez, como não tinha mercado, não conseguia trabalho e enquanto corria atrás de matérias-primas e acessórios, além de aviamentos básicos, como carneiras, viés internos abas e reguladores não ficava ociosa e fazia terceirização para a própria Cotton's ao mesmo tempo que desenvolvia as suas primeiras modelagens dubladas com espumas, modelo americano, japonês entre outros. Para conseguir

bons moldes no início, a Sementec usou do artifício de desmontar bonés das principais empresas da época, principalmente das paulistas Torino e Gurany.

Depois de seis meses de investimentos, testes com moldes, densidades de espumas e telas a Sementec tinha um bom produto para colocar em produção e recorreu a Cotton's para exigir mais um funcionário o Sr. Amauri dos Santos Neves, que havia sido negado no primeiro momento;. Passado este período de aprendizados e experiências os produtos tiveram uma boa aceitação do mercado e os negócios começavam a caminhar para o crescimento que foi projetado no início, atingindo patamares surpreendentes. Nesta época, as dublagens eram feitas todas em São Paulo (na Dublalto ou Colatex) e esta logística de enviar e receber os tecidos manufaturados demorava até 15 dias úteis, muitas vezes ocasionando atrasos nas entregas dos pedidos. Observou-se então a necessidade de se ter a própria dublagem para atender a demanda local e primeira dubladora tipo manual foi adquirida pela Sementec em São Paulo junto a Dublalto que estava em processo de modernização. Com a dubladora funcionando o trabalho ficou facilitado e não demorou para atingir a meta estipulada. Este sucesso foi rapidamente copiado pela cotton's que passou então atuar também no ramo promocional; começava aí, toda a cadeia produtiva do boné em Apucarana, primeiro com a Cotton's, depois a Tchan! e em seguida a Sementec. Passado alguns anos, e como a empresa obteve repentino êxito, alguns funcionários da Sementec pediram desligamento da empresa pois os mesmos queriam abrir o seu próprio negócio. Nascia a USA bonés, que depois se dividiria em outras, entre elas a Arlo e a Keps e mais tarde a Keeker; neste interim acontecia na Cotton's a mesma política, surgindo a Jalai e a Mano Artes e daí por diante surgiram outras indústrias, combinando mão de obra e investimentos, parcerias de funcionários do setor com ex-bancários.

1.º KEE
DEPOIS
" "
" "

Na década de 90 surgia a Traicry indústria de máquinas para o seguimento de bonés, e que começou fabricando pequenas encapadeiras de botões e prestando assistência técnica para o setor, mais tarde fabricaria também dubladoras e passadoras de bonés; Estas máquinas oriundas de São Paulo e também da China, chegaram primeiro a Cotton's e a Showa, que aos poucos foram copiadas e aperfeiçoadas para atender as indústrias da cidade. Em 1993 com o advento das bordadeiras eletrônicas, o mercado passou por uma mudança radical e o boné deixava de ser todo dublados com espuma de polietano, e passava a ser sem espuma e apenas com o frontal dublado com entretela de algodão, como o tradicional modelo americano, usado até hoje em todo o mundo. Com essa mudança os fabricantes, agora em número bem maior, (nesta época já existiam a Bonelli, Milano entre tantas outras que abriam todos os dias) buscaram tecnologia para atender esta nova exigência do mercado.; e para isto recorreram a China, alguns indo até a o continente Asiático e outros preferiram trazer os chineses para Apucarana.; a partir daí todos os fabricantes passaram a usar tecnologia chinesa, desde aparelhos e máquinas até sistemas completos de linha de montagem. Todo este sistema produtivo foi se espalhando rapidamente pela cidade, a medida que também crescia o número de facções e pequenas indústrias. E com esta a ploriferação de fábricas Apucarana foi se capacitando com a abertura de lojas de máquinas, peças de reposição, atacados de tecidos e armarinhos até finalmente chegar a indústria de têxtil. A cidade sem se dar conta, aos poucos foi montando um sistema ~~em~~ vertical completo, pois as facções montadas, são de toda ordem de serviços e estão aptas para todas as etapas da montagem do boné, juntando toda esta estrutura a facilidade de aquisição de matérias-primas e insumos e mão de obra especializada tudo na mesma cidade, nos anos 90 Apucarana se tornaria a capital do boné.